



# QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALÍVIO

## VILA VERDE

AVENÇA

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração Residência Paroquial de Prado — Tel. 92123 — BRAGA

VISADO PELA CENSURA

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA

Fazer da nossa vida corrente uma vida em face de Deus. Do nosso trabalho um tesouro no Céu. Da nossa dor, uma alegria no mais além... Das nossas orações, um sorriso nos lábios de Cristo.

Jesus U'reaga

### Ao próximo Congresso da Agricultura Nacional promovido pela Corporação da Agricultura

O Crédito à Agricultura precisa de ser remodelado com urgência.

#### PROBLEMA — II

O amanho das terras e a colocação dos seus produtos são, ao mesmo tempo, uma indústria e um comércio. Porém, como dependem de tantas contingências que fazem oscilar o rendimento, o seu financiamento em créditos especiais, colocam esta indústria e este comércio de exploração agrícola numa posição especial perante o crédito geral dos empreendimentos económicos.

A acrescentar a esta razão, já de si fundamental, vem a circunstância de a terra ser a base de matérias primas e de fundos de todas as indústrias e comércios. Entrando a lavoura em crise, toda a economia de produção e consumo e, conseqüentemente, os rendimentos gerais dum país se ressentem.

Por isso, todos os países do mundo, dentro das suas máximas possibilidades, procuram financiar, muito além de todas as indústrias e comércios, a sua agricultura. E' ver os titânicos esforços da Holanda invertendo somas fabulosas na conquista das terras do mar; Israel, transformando desertos em terrenos de boa agricultura; já não falando nos grandes planos agrícolas e seus financiamentos dos Estados Unidos da América do Norte, não só em obras de fomento, mas ainda de crédito ordinário e extraordinário.

Está mais ou menos demonstrado pela experiência histórica que as indústrias e comércios gerais podem aguentar-se, por si mesmos ou com as vulgares directivas ou auxílio do Estado e com os financiamentos normais.

Não assim com a agricultura. Muitas vezes o Estado tem de intervir com direcção, protecção e financiamentos muito especiais, na contingência de um arruinamento generalizado, com todas as suas conseqüências económicas e sociais.

Isto dá-se em tempos normais, mas muito mais nos nossos dias, em que a lavoura sente a luta da industrialização dos produtos ricos, em grande escala que lhe vêm arrancar ou elevar a um preço incomparável a mão de obra. E' ainda para contar com a concorrência dos produtos melhor preparados, que podem lançar uma região em ruína económica e social,

(Continua na 4.ª pág.)

## Mais um

Fala-se tanto em centenários. Anunciam-se por toda a parte festejos comemorativos. Vive-se em cheio a euforia dos centenários.

Aqui festas nacionais Henriquinas. Além ecos majestosos do centenário de Nun'Alvares.

Embora sem pompa e ruído, não poderia passar-nos despercebido o 3.º centenário de S. Vicente de Paulo e o 1.º da fundação das conferências Vicentinas em Portugal.

Mas quem era afinal esse Vicente de Paulo que deu o seu nome a esta gloriosa obra? Seria um sábio, um guerreiro ou um príncipe poderoso?

Não. Vicente de Paulo não era um sábio, não era um guerreiro, não era um poderoso ou, se o era, não foi isso que o immortalizou. Era um jovem sacerdote que preferiu à cátedra onde ensinava o duro banco das galés. Era, digamos, assim, um louco que se enamorou dos pobres e desprotegidos, daquele amor, como dizia Ozanam, que se dá sem empobrecer, que se comunica sem se dividir e cuja intensidade aumenta à medida que se ganha em extensão.

O mundo inteiro conhece S. Vicente de Paulo, protótipo da caridade, pelo santo heroísmo com que se votou às obras de apostolado. Foi o maior apóstolo da caridade no séc. XVII.

Nascido em Pony (1576), fez os seus estudos em Dax e, jovem sacerdote ainda, caiu nas mãos dos piratas que o levaram para Tunis.

Aí, vendido como escravo, passou o seu calvário. Aí também lhe nasceu a vocação que o immortalizou — o amor dos miseráveis. A corroborar com este santo amor, a sua ideia dominante era o desamparo dos pobres, principalmente os camponeses. Para este fim criou os Padres da Missão — os Lazaristas.

A sua vida martirizada pela doença aproveitou-se maravilhosamente em prol dos outros até que enfim adormeceu no Senhor em 27 de Setembro de 1660.

Lembra-se a todo o vicentino «que é na terra a ternura de Jesus» que não deixe passar este facto sem condigna comemoração.

Sendo possível, seria para desejar uma confraternização vicentina, entre confrades e vicentinos protegidos no dia 20 de Dezembro, dia do encerramento do ano centenar. — M<sub>1</sub>

### Natal, noite de saudade!

Ao aproximar-se a data da comemoração do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, lembro com saudade o natal da minha aldeia. Poderia já ter esquecido a vida do meu cantinho, as suas romarias, os seus cantares e a sua boa gente, pois onze anos são passados fora do convívio dos meus entes queridos, especialmente nesta quadra do natal; ao contrário, aumenta a saudade, razão por que comecei a compreender que este mundo não me pertence, é apenas uma pequena passagem por ele, e não adianta esquecer quem me deu o ser e nascer me viu. E aqui estou do lado de cá, lutando pela vida, com a esperança de cedo voltar para minha pátria que é Portugal.

Era eu ainda criança quando ouvia dizer a minha mãe: o natal está à porta; é preciso comprar o bacalhau para a noite de consoada. Na verdade, toda a gente pensa nesta noite santa. E não há um lar, por mais pobrezinho que seja, que nesta noite não tenha a sua consoada, grande ou pequena, para festejar a maior festa da cristandade.

A meia-noite em ponto, repicavam os sinos da minha aldeia, e a seguir ouviam-se por toda a parte, foguetes a estourar no ar, como que a avisar-nos: acaba de nascer o Deus Menino na gruta de Belém!

Glória a Deus nas alturas, e, na terra, Paz aos homens de boa vontade.

Rio de Janeiro, 1-12-960.

Alúcio Mouta Reis Gomes

### O Cortejo de Oferendas

do dia 5 de Dezembro, a favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde

O Concelho de Vila Verde, no dia 5 de Dezembro, deu a todo o país um espectáculo maravilhoso de caridade cristã, de espírito de sacrifício, a favor da construção do seu novo Hospital, que só uma fé inquebrantável é capaz de fomentar.

Para quem não conhece o povo deste Concelho tudo fazia prever um fracasso. A crise da lavoura, o péssimo ano agrícola, a invernia inclemente, questões, incompreensões, eram os antecedentes para o Cortejo. Em cima de tudo, ainda o dia 5 de Dezembro se apresentar de chuva contínua e forte.

Porém, ao bater das onze horas da manhã, chega



Dois Vilaverdenses, residentes em Prado e filhas do Sr. Pedroso, foram também agradecer à Misericórdia o ter-lhes salvo a vida.

aos Paços do Concelho de Vila Verde o senhor Governador Civil, que foi recebido pelo senhor Presidente e Vice-Presidente da Câmara, Provedor da Misericórdia, Mesários, Presidente da U.N., por diversos Pá-Procos etc.

A invernia parece ter desfeito todo o Cortejo. Daí a pouco chegam as primeiras freguesias: Cervães e Codeceda. Foi uma luz que raia a mostrar até onde chega o espírito de sacrifício do nosso povo. São os mais longínquos da Sede e os primeiros a chegar.

Molhados até aos ossos, mas trazem os seus carros; as raparigas, de gigos à cabeça, cantam, dançam.

A admiração domina toda a gente. Como é possível tanto sacrifício.

Das 58 freguesias, 50 conseguiram vencer todas as dificuldades e, no geral, sacrificaram-se ao máximo.

Há ocasiões em que o jornalista, por mais habituado que esteja ao cumprimento do seu officio, sente dificuldades em descrever espectáculos como estes. Não é fácil dizer quem mais deu, quem mais se sacrificou.

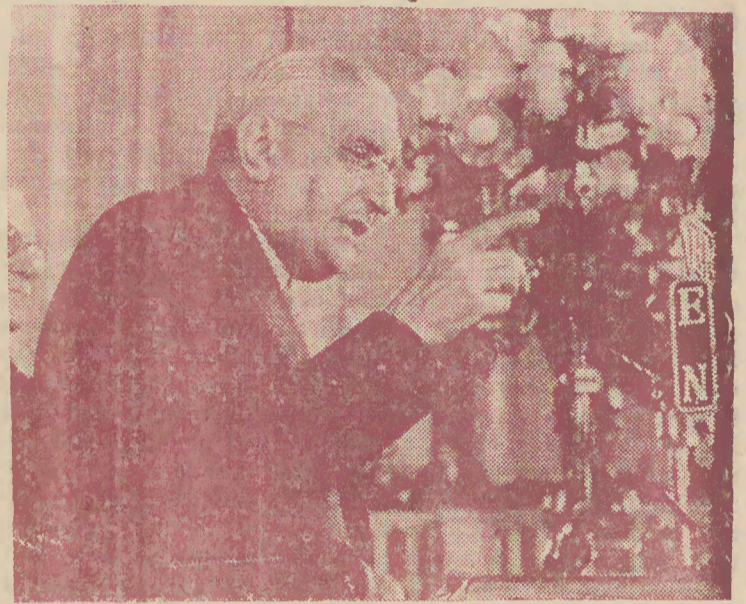
A chuva impediu a possibilidade de tomarmos notas do número de carros e dos donativos de toda espécie vindos de cada freguesia.

Só em dinheiro ultrapassou duzentos contos. Em

(Continua na 4.ª pág.)

### O Vilaverdense

Deseja a todos os seus ilustres correspondentes, assinantes e amigos, de Portugal e do Estrangeiro, umas Festas de Natal muito felizes e um Ano Novo muito próspero.



É ilegítimo da parte das Nações Unidas resolver discriminatóriamente contra Portugal. A Assembleia Geral não tem competência para declarar não autónomos territórios de qualquer potência.

## Câmara Municipal

Sessão de 6 de Dezembro de 1960

#### Caminhos em Vilarinho

O senhor presidente da Junta pede um subsídio para reparação urgente de caminhos. Concedidos 3.000\$.

#### Estrada Municipal em Oleiros

O senhor presidente da Junta pede a reparação da estrada municipal. A Câmara manda reparar.

#### Vogais da Comissão Permanente de Avaliação

O senhor Chefe da Secção de Finanças pede à Câmara que informe se mantém para 1961 os mesmos vogais para a Comissão Permanente de Avaliação. A Câmara informa que sim.

#### Escola nova em Couceiro

O senhor Director Escolar informa que foi mandado incluir no programa de 1960 a construção do edificio de três salas de aula para o núcleo do Monte, da freguesia de Couceiro. Inteirada.

#### Escola de Barbudo

O senhor presidente da Junta pede a reparação provisória do telhado da escola para poder funcionar, visto as crianças terem de se deslocar três quilómetros. A Câmara inteirada.

#### Escola masculina da Laje e de Freiriz

O senhor Director da Escola masculina da Laje e a senhora professora de Freiriz, pedem a reparação das instalações sanitárias. A Câmara manda reparar.

#### Escola do Bom Retiro, Vila Verde.

A senhora Directora da Escola feminina do Bom Retiro, Vila Verde, pede a reparação do telhado e tecto da escola, que ameaça ruína. A Câmara manda reparar.

#### Abastecimento de águas à Vila do Pico

Foi deliberado adjudicar por 239.427\$00 a obra de abastecimento de águas à Vila do Pico, a Antónia da Silva Oliveira.

#### Deliberações

Foi deliberado alterar a nomeação do júri vindas da freguesia de Atiães, para os casos de arrançamento de árvores, ficando a ser composta pelos senhores: regedor da freguesia, João Gonçalves Marques, António Joaquim Dias da Costa e José Olímpio de Jesus da Cunha; e para Oliros, os senhores: Firmino de Sá Ribeiro, António Domingos Cachetas e António Leitão da Cunha.

Propôs o senhor presidente que fosse pedida a prerrogativa do prazo da monetização do guarda de mercado Municipal subsidiado pelo Fundo do Desemprego Angelino Alves da Silva.

Por proposta do vereador senhor Mário Bacelar Al-

(Continua na 4.ª página)

# DEMOURE

**Obras Paroquiais** — Quem se deslocar a Ponte de Lima pela estrada de Prado forçosamente tem que passar por Moure, uma pequena freguesia que, pela sua situação geográfica, merece um compasso de espera ao viajante menos apressado. Uma vez ali pode admirar o eucalipto secular que, com a sua gigantesca estatura, adorna uma paisagem magnífica de alguns quilómetros em redor e que foi considerado pelo Governo da Nação monumento nacional.

A umas dezenas de metros e subindo uma pequena ladeira, entre pinheiros frondosos que dão, ao lugar, graça e beleza, surge aos olhos do viandante, num terreno talhado para esse fim, uma obra digna do esforço e sacrifício de todos os habitantes da freguesia: a Residência Paroquial e a Igreja Nova, conjunto este a que o Sr. P.e Mário de Oliveira Vaz, de colaboração com uma Comissão a todos os títulos louvável, pelo seu entusiasmo e trabalho, levou a bom termo.

Estas obras que ficaram por umas boas centenas de contos, atestam bem o esforço dos habitantes desta laboriosa e progressiva freguesia e entre elas a que mais se destaca é sem dúvida a Igreja com a sua torre erguida a desafiar as alturas e com um recorte impecável que honra bem o engenheiro que a concebeu. Interiormente pode admirar-se o altar-mor belamente talhado em estilo renascença com um dourado digno de nota elaborado pelo consagrado artista bracarense Sr. Vítor Mendes, e que fica sendo um dos melhores do concelho, tal o primor da sua execução.

A um dos lados do altar-mor e a dois metros do solo, ergue-se o púlpito artisticamente trabalhado. Ao centro, suspenso do tecto envolto em belas pinturas sacras, descai um lindíssimo lampadário oferta do Sr. João de Barros, filho dedicado da Sr.ª D. Conceição do Rosário Pereira, actualmente a residir em terras de Santa Cruz a quem a Igreja muito deve pela sua generosidade.

A meio da ampla Igreja destacam-se quatro altares (2 de cada lado) em finíssima talha e dourados a primor, dedicados à Senhora do Rosário, Santa Maria Goretti, Sagrado Coração de Jesus e às Almas, que dão uma beleza sem par ao conjunto. Um pouco mais abaixo depara-se com um minúsculo altar onde sobressai uma lindíssima imagem da Senhora das Dores oferta da menina Ana Vaz Ferraz, incansável jovem que à Igreja tem dado o melhor do seu esforço em benefício das obras paroquiais.

Em frente a este e nas mesmas condições, depois de se atravessar o pavimento em tacos de madeira, dividido com passadeira em cimento, encontra-se outro altar.

Uma vez no Anteparo, ainda por concluir, sobressai a Pia Baptismal executada totalmente em mármore branco com pacientes trabalhos cinzelados em baixo relevo e que fica a ajeitar o bom gosto do mestre que a idealizou.

No conjunto é, sem dúvida, uma obra imponente para os poucos recursos da freguesia mas que a boa vontade, aliada ao fervor dos seus paroquianos, mostra bem de quanto é capaz, este bom povo sacrificando as suas magras bolsas para erguer este belo monumento que é o orgulho de todos.

Pena é, infelizmente, que ainda não tenha uma estrada a servi-la convenientemente, como era desejo do seu Pá-

roco e dos seus colaboradores. Mas tempo ao tempo que o dia grande há-de chegar.

São dignas de louvores pelas suas conseiras as Sr.ªs: Belmira de Sousa, Maria Martins, Helena Rosa Vaz, Rosa Pires, Maria da Conceição Sousa Lamosa Pereira, Rosa de Sousa, Ermelinda de Oliveira Vaz, Maria Vaz, Lucinda Pereira de Azevedo, Maria da Assunção Seara, Rosa Vilela de Faria e Alice Pinheiro Lopes.

As crianças da Catequese entregarão, no próximo dia 25, ao seu Pároco milhares de escudos para que — como dizem com a sua graça inocente — façam desaparecer «as pingas mortas» da Igreja.

Parabéns, pois, a todos os habitantes da freguesia juntamente com a Comissão angariadora de fundos que, orientados pelo seu zeloso Pároco, Sr. P.e Mário de Oliveira Vaz tudo dispuzeram para levar bem alto o bom nome de Moure e mostrar aos vindouros o que vale o sacrifício e a fé.

**Cortejo de Oferendas em benefício do Hospital de Vila Verde** — Esta freguesia, apesar de muito sacrificada com as obras na sua Igreja e Residência Paroquial pois já vão gastos 850.000\$00, contribuiu com a bonita quantia de 6.570\$00 para o Hospital do Concelho, mercê duma Comissão briosa e incansável que não se poupou a conseiras para tal fim.

**Casamento** — No passado dia 19 de Novembro, na Igreja Nova desta freguesia, celebrou-se o enlace matrimonial da prendada menina Maria da Conceição Pires Rodrigues com o jovem Joaquim Pires da Silva, muito estimados neste meio.

Houve Missa cantada pelo grupo coral da freguesia que muito abrihantou o acto.

Serviram de padrinhos o Sr. Manuel da Rocha e sua esposa sr.ª Joaquina Dias de Magalhães.

No final foi servido, na casa dos pais da noiva, um opiparo almoço aos numerosos convidados.

Ao novo lar desejo muitas felicidades.

**Chegadas** — Vindo da Venezuela chegou há dias a esta freguesia o sr. João Rodrigues.

**Aniversário** — No próximo dia 27, completa 48 anos de idade o Sr. João Pereira Dias Ferraz, grande proprietário desta freguesia e nosso estimado assinante, um dos mais activos membros da Comissão em benefício das obras paroquiais. Por tal motivo apresento ao grande amigo votos sinceros de uma longa vida na companhia de sua esposa, sogro e filhas, e praza a Deus que esta data se repita por muitos anos.

**Boas-Festas** — A Ex.ª Redacção, na veneranda pessoa do seu ilustre Director e Vigário Cooperador, aos colaboradores e assinantes, desejo um Natal feliz repleto de felicidades.

A. VELOSO

## S. Pedro de Goães, 12

**FESTIVIDADE** — Precedida da novena, realizou-se nesta freguesia, no dia 8 de Dezembro a festa da Imaculada Conceição. As novenas da Imaculada Conceição

são todos os anos muito frequentadas, mas este ano, muitíssimo mais, sempre quase tantas pessoas, como na missa de domingo. Durante a novena e no dia da festa houve perto de 1-600 comunhões!

No dia da festa, às 6.30 h. houve a primeira missa diuturna e comunhão geral. Às 10 horas, missa cantada e sermão em honra de N. Senhora da Conceição, pregado pelo Ilustre orador sagrado Pe. Amadeu Rodrigues Torres (Castro Gil) e no fim consagração das Mães a N. Senhora da Conceição, feita por uma mãe da freguesia, tendo o ilustre pregador dito algumas palavras alusivas ao acto que comoveram todas as pessoas.

Pelas 3 horas da tarde, houve a exposição do SS.mo Sacramento, reza do terço e sermão em honra de Santa Luzia, pelo mesmo orador, que foi escutado sempre com muita atenção. Seguiu-se a procissão com dois lindos andores — um de N. Senhora da Conceição e outro de Santa Luzia, tomando parte as associações de piedade, as confrarias e a J.A.C.F. da freguesia.

Esta festividade foi abrihantada por um aparelhagem sonora.

Foram mordomos desta grande festividade, os Srs. Joaquim Avelino Pereira Lopes e Joaquim Baptista; e mordomas, Maria Isabel da Cunha e Sousa e Maria Angélica da Silva Baptista, que não se pouparam a trabalhos e despesas para que tudo fosse brilhante.

**RECITA** — Como tinha sido anunciado, realizou-se no domingo passado, dia 11, a recita das cinzas da escola desta freguesia, num grande salão gentilmente cedido pelo Il.º Sr. Dr. João de Espregueira Mendes, proprietário da Quinta do Montinho desta freguesia, a quem muito agradecemos.

Todos os personagens desempenharam muitíssimo bem e a Senhora Professora D. Maria da Glória e Sousa pode dar por muito bem em pregado o tempo que passou com os ensaios, porque foi muito bem aproveitado por todos os personagens. Foram momentos muito alegres que todos os assistentes passaram durante a recita e o salão apesar de muito grande não comportou toda a gente. Foi então lembrado, que se realizasse novamente a recita, pois toda a gente estava muito satisfeita e alguns não tiveram lugar.

Foi então marcado o dia 26 do corrente mês, para que todos possam assistir à recita.

## A' Margem do «Homem»

### S. Miguel de Oriz

12 de Dezembro

**DOENTES** — Retidos no leito, encontram-se doentes os srs. Secundino Dias e Adelaide Martins (Costureira), do lugar da Regida. Embora não seja doença de maior, desejamos-lhes sinceramente as melhores.

**DE VISITA** — Estiveram alguns dias entre nós os nossos conterrâneos Ilídio Flor da Silva e José Soares de Amorim.

— Encontrase a descansar no nosso meio o sr. Adão da Rocha. — C.

### S.ta Maria de Oriz

12 de Dezembro

**BAPTISMOS** — Com o nome de Olívia da Conceição, foi, no passado dia 8 do corrente, baptizada em uma menina na fonte baptismal desta freguesia. A noiva, filha de António de Almeida Costa e Maria Celeste Meireles da Costa de Portela, teve como padrinhos o tio paterno João Araújo Costa e a avó paterna Olívia de Araújo Almeida. — C.



**Arte Religiosa**

## Vitar Mendes

RUA D. FREI CAETANO BRANDAO, 77-78  
— BRAGA —

ESCULTURA — Nestas oficinas esculpem-se: Imagens desde a miniatura ao tamanho natural, assim como se restauram Imagens antigas.

TALHA — Executam-se: Tribunas, Altares, Pavilhões e Castiçais em qualquer estilo.

PINTURA — Pintura de Imagens, Telas para tribunas. Pintura em seda: Cortinas de Sacrário, Toalhas, Bandeiras e retratos a óleo.

ARTE DECORATIVA — Decoração de Igrejas com pintura artística.

DOURAMENTO — Altares, Tribunas, Castiçais, Pavilhões, etc..

O altar-mor da Igreja Nova de Moure (Vila Verde) foi dourado por esta acreditada casa.

MERCEARIA, VINHOS E MIUDEZAS

— DE —

## Manuel da Rocha

UMA DAS MAIS BEM SITUADAS DA FREGUESIA

Sempre a primeira em vinhos

TELEFONE, 92037 MOURE

O CENTRO DA FLOR COMERCIAL DE MOURE

— DE —

## Manuel Joaquim Ferreira

MERCEARIA, VINHOS, TABACOS,

FERRAGENS, DROGAS, CAL, CIMENTO,

ADUBOS, SULFATOS E SEMEAS.

---

0 Esta casa prima pelos artigos	0
0 que vende aos seus estimados	0
0 clientes.	0

— MOURE —

## Pastelaria Bar Vilaeverdense

Vai a Vila Verde? Não deixe de visitar a

**PASTELARIA BAR VILAVERDENSE**

Casa especializada em Serviços de Baptizados, Casamentos e Festas.

Vá à Pastelaria tomar o seu café especializado, a sua merenda. Festeje os anos da sua família com os doces finos desta Pastelaria.

Faça as suas encomendas de BOLO REI, DOCE e vinhos para o Natal e Festas desta quadra.

CAMPO DA FEIRA VILA VERDE

### Bouça em Vila Verde

Vende-se, em Vila-Verde uma grande bouça, com muito mato e muitos pinheiros.

Fica muito perto da Vila, Sede do Concelho e tem bom caminho; está no lugar de Fáfias.

Informa o senhor António Inácio Machado, Monte de Baixo — Vila Verde.

FÁBRICA DE SERRAÇÃO DOS CARVALHINHOS

— DE —

## Arnaldo Vieira Braga

MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO — CAIXOTARIA

PRADO BRAGA

## Bicicletas Motozdsa Zundpe e Famel

As melhores bicicletas motorizadas são, sem dúvida, as das afamadas Zundape Falconette, e Moto Sal e Vilar e Famel Dekw de origem alemã, italiana e nacional.

Estão milhares a funcionar em todo o país equipadas com os motores de maior potência.

Dirija-se ao agente no Concelho de Vila Verde

**ANTÓNIO AUGUSTO SOARES**  
(O MORGADO)

Campo da Feira de Vila Verde, no seu Stand

Encontra aí os maiores descontos e facilidades de pagamento.

# NOTAS DE LISBOA

## DIVAGAÇÃO

Li nos jornais que no dia 5 deste mês se verificou um tremor de terra em alguns pontos do Minho, entre os quais o concelho de Vila Verde. Como é natural parece que o fenómeno assustou muita gente. No entanto, e insistindo nos critérios que a propósito de Agadir há tempos referi neste Jornal, não ha motivos para alarmes; pois os sismos no Minho (constituído na maior parte, por terrenos arcaicos) não são perigosos. O abalo sentido deve ter tido relação com outro, este de grande violência, registado na chamada «depressão mediterrânica» que, como se sabe, é uma das principais zonas sísmicas do Globo. As teorias dos especialistas levam-nos a estas conclusões.

A par do ligeiro abalo natural circunscrito a algumas terras minhotas, há quem pretenda fazer eclodir em território português outra espécie de abalos, com o fim de atingir a própria unidade da Nação. Refiro-me, é claro, à ofensiva desencadeada na O.N.U. pelos delegados de alguns países que ainda acham pouca a citação com que se debate o Mundo de hoje.

No «Vilaverdense» de 25 de Setembro último, tive ocasião de salientar, a propósito das Comemorações Henriquinas, os motivos que tornam inatacável a unidade da Nação Portuguesa. Além deles, gostaria de aludir a outros, se o espaço o permitisse, isto é: gostaria de falar sobre o direito que nos assiste, reconhecido e garantido logo no início dos Descobrimentos pelo próprio Sumo Pontífice. A tal respeito é bem clara a bula *Romanus Pontifex* destinada ao nosso Rei D. Afonso V, ao qual foi expedida em 8 de Janeiro de 1454, pelo Papa Nicolau V (1).

Os portugueses actuais, tanto da Metrópole como do Ultramar, não estão dispostos a alienar uma simples parcela que seja do território que nos pertence de direito e de facto e no qual todos os cidadãos, qualquer que seja sua cor, são igualmente tratados pela Lei e se sentem muito bem à sombra da mesma Bandeira. Que assim é, provam-no as várias manifestações de protesto realizadas nos mais diversos pontos da terra portuguesa. Em Lisboa houve algumas, entre as quais se destacaram a dos Municípios e a do comércio retalhista, que encerrou as portas durante duas horas para, na pessoa do Chefe do Estado, manifestar a sua adesão à política firme do Governo e repudiaria a ofensiva caluniosa levada a cabo na O.N.U. A primeira foi-me impossível assistir por estar às voltas com um acesso de gripe; mas assisti à dos comerciantes, e, das janelas da Câmara Municipal, pude avaliar em pormenor o vigor dos protestos e observar o extraordinário entusiasmo com que uma enorme massa de gente se precipitou sobre o automóvel do Chefe do Estado, para aclamar, através dele, a Pátria Portuguesa. Essa manifestação, altamente expressiva, ficará memorável pelo calor patriótico que a animou. O mesmo, aliás, se poderá dizer da dos Municípios, esta ainda mais significativa por nela participarem portugueses de todos os cantos do território nacional.

Se tais manifestações revelaram exuberantemente que Portugal não abandonará os seus direitos ante as moquações dos nossos detractores, uma outra se realizou que desejo referir em especial: a dos estudantes. E pretendo salientá-la por que é nas mãos da juventude de hoje que está o futuro da Pátria. Foi ao Campo de Sant'Ana assistir a essa manifestação e não posso deixar de exprimir a consolação e a tranquilidade que me deixaram a sinceridade e a clareza com que a juventude exteriorizou o seu amor a Portugal. Esses rapazes formaram os seus sentimentos patrióticos no seio das famílias, nas escolas, no meio ambiente, isto é, na sociedade em que se integram, e também na Mocidade Portuguesa.

Ao falar na Mocidade Portuguesa, que tão altos benefícios tem trazido, não resisto a focar um dos aspectos da sua actividade, muito mal conhecido do público, mas que se traduz em inestimáveis serviços prestados à juventude, e, portanto, à Nação: o relativo à acção exercida pelo Centro Médico-Social n.º 1, criado em 15 de Dezembro de 1944 e cujo funcionamento se verificou logo no dia seguinte.

O Centro, no qual existem Serviços Médicos e de Enfermagem dirigidos por técnicos devotados e de competência que não receia confrontos com a dos medidores multiforme — extensiva aos estudantes universitários — não só de carácter curativo como preventivo e um Departamento de Medicina Desportiva funcionando dentro dos mais modernos conhecimentos. Uma obra de tal magnitude, que se não pode expor num simples artigo como o presente, só é possível devido à abnegação, ao esforço, ao desinteresse material e à competência de pessoas que se lhe dedicam inteiramente. É o que na realidade se verifica, pois o Centro Médico-Social n.º 1 — a que aludo — deve o que é a um homem de reconhecida envergadura intelectual que, desempenhando legítimos interesses pessoais, o elevou ao nível que hoje tem: o Professor Vasco Bruto da Costa (Director do Centro desde a criação deste) Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina de Lisboa, onde é primeiro assistente, Professor de Higiene Escolar na Faculdade de Letras também de Lisboa e titular de outros cargos de elevada categoria.

A obra da Mocidade Portuguesa é, no sector a que me refiro, excepcional, e bem merece ser conhecida do público e protegida eficazmente pelas entidades oficiais competentes.

Do sismo ocorrido no Minho vim dar, nesta desocupada conversa com o leitor, ao Centro Médico-Social n.º 1 da Mocidade Portuguesa, cuja organização modelar tive ocasião de apreciar directamente há pouco tempo, graças à gentileza do seu ilustre Director, o Prof. Vasco Bruto da Costa e do Dr. Luís Apleton Figueira, outro médico que tem posto ao serviço do Centro a sua competência clínica e o seu entusiasmo.

Pena é, repito, que obras de tão larga projecção sejam pouco conhecidas do grande público.

Miguel da Cunha

# «Paródias religiosas»

Noticias provenientes do lado de lá da Cortina de Ferro — da Polónia e da Alemanha Oriental — provam sobejamente que, quando no «mundo vermelho» se proclama o respeito pelas creanças religiosas, isso, tem apenas um fim: mera propaganda do Partido.

Porventura, o respeito pelas creanças religiosas, consistirá em ridicularizá-las através de imitações irrisórias emanadas da autoridade?

Há pouco tempo, como largamente noticiou a imprensa católica, o órgão oficial do Comité Central do Partido Comunista polaco sugeria que se colocassem, em lugares acessíveis ao público, nas bibliotecas e nos centros culturais, psiquiatras a quem, todos os que «necessitassem dum conselho estivamente p'ssa» podiam facilmente consultar.

A doutrina marxista é coagida a criar — nem aqui é original! — um arremedo de sacramentos para o ingresso do homem no «paradiso vermelho»; e assim têm um «baptismo vermelho», uma «confirmação vermelha» cujo ceremonial exige a ruptura solene com toda e qualquer religião; e, agora,

## Parada de Gatim

ESTRADA — Encontra-se em lamentável estado a estrada de Prado a Prado. Está pior que alguns lambeiros desta freguesia.

Assim, com uma estrada neste estado nunca teremos carreira, porque os concessionários não podem dar cabo dos seus carros.

Pedimos ao Ilmo. Senhor Presidente da Câmara de Vila Verde se digne olhar mais por estas terras da região de Prado e assim dar um pequeno concerto à respectiva estrada, a ver se teremos em breve a carreira; que tanta falta está fazendo. Aguardamos.

ÓBITO — No dia 6 do corrente, pelas 20 horas no lugar de Caravelos, desta freguesia, faleceu, a snr. Perpétua de Sousa, de 85 anos de idade, tendo sido confortada com os sacramentos da Santa Igreja, todos os paradedenses se intristeceram com a morte de tão bondosa senhora.

O funeral realizou-se no dia 8, tendo missa e officio de cadáver presente.

Paz à sua alma e à família enlutada os nossos sentimentos pésames.

—No dia 22 do passado mês, no lugar de Poiso, falleceu o senhor João de Araújo Duro.

O saudoso extinto, foi regedor desta freguesia muitos anos, o qual desempenhou muito bem o seu cargo. A sua morte foi bastante sentida no coração dos seus conterrâneos.

O funeral realizou-se no dia 24, tendo missa e officio de corpo presente.

Apresentamos os nossos sentimentos pésames à família enlutada.

PROMESSA — Por cumprimento dum voto feito à Virgem Nossa Senhora de Fátima o ilustre filho desta terra sr. Manuel Fernandes Correia, residente na Venezuela, mandou celebrar uma missa cantada com uma sessão de fogo de um afamado pirotécnico.

ANIVERSARIO — No dia 25 do p.p. mês de Outubro, festejou o seu aniversário natalício a senhora Rosa de Oliveira e Silva, dedicada esposa do nosso assinante sr. Manuel Correia.

Desejamos-lhe que esta data se repita por longos anos.

aparece esta ideia, tão dia bólica como as do ateísmo: da criação dum «confessionário comunista» onde os fiéis podem buscar um conselho do psiquiatra que inevitavelmente será um dos INTEGROS.

Ao mesmo tempo que esta inovação urgente era requerida como meio eficaz para suprimir «os valores ditos burgueses», um outro problema se levanta na Alemanha Oriental — o dos mortos. O modo de comunicar aos amigos o desenlace fatal de alguém, tinha de ser remodelado; as frases «padecimento do meu pai no Senhor», «O Senhor chamou a si», «reconfortado com os auxílios da igreja» têm de suprimir-se porque encerram o perigo de desviar os jovens dos grandes ideais que abrem novos horizontes... e formar espíritos resignados. Digam-se antes: «durante a sua vida combatido pelo socialismo», «esteve tantos anos ao serviço do povo» etc. etc.

«O marxismo tem a sua esportza. Sabe d'aptar-se. Sabe resistir a tendências cativantes» e por isso... e por ressentimento, é que tantos o acatam, o ouvem... até que chegue a trágica d'silusão!

As grandes interrogações nunca poderão ser elucidadas e daí, as tentativas desesperadas, num esforço de desesperança, para eliminar da consciência do homem aquele factor permanente em todas as civilizações, aquela constante histórica: a crença religiosa.

Todas estas «paródias» significam a manifesta impotência do marxismo, em sondar o terreno onde estão arraigadas essas mesmas creanças.

P. D.

## Cartas sem destino

Quando um amigo nosso trilha caminho errado, e paz de o conduzir a situações perigosas, a força de mizade obriga-nos a mostrar-lhe os perigos que o esperam, aconselhando-o a seguir outra orientação.

Muitos são, porém, aqueles que levados mais pelo vocação do que pela cabeça, andam traviados, estragando ingloriamente a saúde física e mental.

Passam por mim nos caminhos e estradas das aldeias, vejo-os nas tabernas praticando o jogo das cartas e embriagados. Mas não sei como se chamam nem onde moram.

Daf a impossibilidade de lhes falar ou de lhes escrever, mas é de lamentar, que homens na flor da idade já tenham obtido esses péssimos vícios.

Para eles endereço estas cartas sem nome de destinatário. Não são para ninguém em especial, mas para muitos, para todos os que precisam de conselhos.

Haverá talvez quem me julgue atrevido, por ver que A ou B estão nas condições focadas por mim. Mas desde já declaro que escrevo sem ter ninguém em mente, tal como o chapelheiro que fabrica um chapéu sem saber se ele se ajusta primorosamente à cabeça de certo indivíduo.

No entanto, para finalidade de expressão, fecho os olhos e recompenho mentalmente o tipo que acumula los vícios a detreacar, a expor ao sol, a corrigir.

É a esse tipo, síntese dos nossos conhecidos, que estas cartas são dirigidas.

F. S. Fernandes

# Santuário do Alívio

A novena da Imaculada Conceição decorreu, neste Santuário, com muito brilho e piedade graças ao zelo ardente do seu capelão e pároco da freguesia de Soutelo, Rev.do P.e Luís Ribeiro.

A Igreja encontrava-se todos os dias repleta de fiéis e houve, no último dia, Missa Cantada e Sermão pelo Rev.do P.e Joaquim Alves, pároco de Cabanelas.

— Visitantes que entregam generosamente donativos para as obras em curso: António Ribeiro (Barcelos), 40\$00; Maria da Graça (Ponte de Lima), 30\$00; António Alves Pimenta (Soutelo), 50\$00; Angelina Alves Correia (Ponte da Barca), 100\$00; António Valente de Sousa (Famalicão), 50\$00; Manuel Machado Peixoto (Soutelo), 50\$00; Anónima (S. Pedro de Valbom), 40\$00.

Muitos e muitos visitantes se aproximam do Santuário de N. Senhora do Alívio em cumprimento de suas promessas. Que a todos N. Senhora os cubra com o seu manto e lhes dê a sua bênção maternal.

Conquanto o Santuário, ainda não tenha capelão privativo faz-se público que o serviço religioso está a cargo do Rev.do Pároco da freguesia que se prontifica a aparecer desde que seja solicitado por qualquer romeiro.

Que N. Senhora vos cubra das suas graças. — (C).

## Oleiros

ABERTURA — Antes de mais queremos agradecer a todos os nossos leitores, sobretudo aos simpáticos filhos da terra que vivem longe, ardentes votos de Boas Festas de Nat. l.

PARA A MISERICÓRDIA — Também esta freguesia se incorporou na grande jornada de 5 de Dezembro em favor do Novo Hospital de Vila Verde. A Comissão constituída pela

Junta de freguesia, pelo Regedor e pelo Pároco percorreu antecipadamente todas as casas recolhendo os donativos em dinheiro que somam 2.738\$50. A grande creche que o meio atravessa, não permitiu que esta quantidade subisse para muito mais, pois a todos é bem patente a necessidade da construção do Novo Hospital, quer pelo movimento verificado no actual edifício, quer pela falta que serve.

NOVOS LARES — Realizaram o seu casamento a menina Júlia Afonso de Fa-

ria, desta freguesia, filha de Jo. o Goncalves de Faria e Palmira Afonso, com Adilino da Moita Vieira, natural da Lagoa e residente em Turiz, filho de José Fernandes Vieira e Maria José da Morta. Fixaram residência nesta freguesia.

NOVOS CRISTÃOS — Foram últimamente admitidos na nossa família parochial pelo sacramento do Baptismo 3 meninos:

— António, filho de Manuel Afonso e Ana de Carvalho;

— Silvestre, filho de Adão José Fernandes e Aurora de Faria;

— Hilário, primogénito filhinho de Manuel Cerqueira Fernandes e Rosa de Araújo Gomes.

CHEGADAS — Vieram passar com a família as festas de Natal e algum tempo de férias Luís da Silva e Manuel Martins, que se encontravam ausentes em França.

## por Pico de Regalados

DE SANDE

Termina hoje a santa missão pregada pelos Padres Franciscanos, Francisco Dias Portela e Agostinho Mateus, que se esforçaram por catequizar a mentalidade do povo desta freguesia durante 15 dias. Foram dias de bênçãos para este povo que acorreu em massa e esperamos em Deus que não esquecerá a doutrina sãbiamente exposta pelos missionários.

Os ausentes não se têm esquecido da sua terra, concorrendo para ajuda das despesas. O nosso amigo, Manuel Vivas Gomes, residente em Lisboa mandou a quantia de quinhentos escudos e Manuel Veloso da Silva, residente na mesma cidade mandou cinquenta escudos. Obrigado aos dois briosos filhos da terra que se lembraram da missão e os nossos votos pelas suas felicidades.

Já chegaram várias esmolas do Rio de Janeiro, mas ainda esperamos muitas. Logo que seja possível mencionaremos os seus nomes.

Baptizado — No dia 12 do corrente foi baptizado o segundo filho de João da Cruz Gonçalves e Maria Antunes da Cunha. A criança recebeu o nome de Deolinda da Cunha Gonçalves e teve como padrinhos seus tios maternos Amaro Antunes da Cunha e Deolinda Antunes da Cunha, da vizinha freguesia de Vilarinho.

Parabéns a todos e votos pelas suas felicidades.

Visita Pastoral — No dia 4 do corrente visitou esta freguesia o Sr. D. Francisco Maria da Silva, Venerando Bispo Auxiliar da nossa Arquidiocese. Nos dias anteriores, os rapazes e raparigas trabalharam com entusiasmo para embelezar o espaçoso adro da igreja parochial e ainda tinham intenção de ornamentar o caminho desde o cemitério à igreja, mas a chuva, que caiu nos dias anteriores, não permitiu realizar o seu desejo. Merecem parabéns porque se uniram todos para trabalhar a valer.

A igreja também se encontrava completamente reparada e bem adornada, merecendo os parabéns do Venerando Visitador que se retirou satisfeito com a visita à igreja da nossa terra.

DE COUCIEIRO

Visita Pastoral — No dia 9 do corrente o Sr. D. Francisco Maria da Silva, Venerando Bispo Auxiliar, visitou esta freguesia, tendo decorrido todos os actos da visita com muito brilho.

A gente nova de Coucieiro embelezou com muito gosto o caminho desde a capela do Senhor do Calvário até à igreja parochial, tendo formado um belo tapete que mereceu a admiração do Venerando Visitador. A igreja encontrava-se bem adornada de flores e embelezada, pois foi completamente restaurada com as grandes obras começadas pelo pároco anterior e continuadas pelo actual que tem trabalhado para a grandeza da Casa de Deus. O Senhor Bispo retirou satisfeito, pois tudo correu bem.

Parabéns ao pároco e a todo o povo de Coucieiro. — (C).

PREÇO ANUAL DE ASSINATURAS:	
Continente	25000
ULTRAMAR e Brasil (via marítima)	55000
» » (via aérea)	140000
Outras nações (via marítima)	65000
» » (via aérea)	100000

## Ao próximo Congresso

(Continuação da 1.ª pág.)

A falta de fundos monetários leva os pobres lavradores a entregarem os seus produtos à voracidade dos intermediários, que os vendem ao consumidor, muitas vezes pelo triplo do custo. Causa a deficiente cultura, porque não há dinheiro para máquinas, adubos, sementes, etc.

Dificulta toda a organização, que, embora muito boa, caminha a passos de tartaruga. Quando chegar a ser alguma coisa, já os lavradores tradicionais viram as suas terras nas mãos do comerciante da cidade. Só estes podem ter quintas e lavoura, porque ser-lhes-á um passa-tempo, e recreio; não importa o rendimento ao armazenista, ao grande industrial, ao abastado comerciante, que enriqueceram à custa da miséria dos lavradores — é uma espécie de restituição. A terra é para eles uma forma só de fixar o capital. Ganharão-no tão facilmente e em tão grande quantidade, que não confiam nas notas, apesar da estabilidade da nossa moeda. Em poucos anos, serão eles os donos da terra, tendo os lavradores de emigrar, com as suas consequências sociais.

Há pouco tempo dizia-me um lavrador com muitas terras. — Vejo-me em dificuldades gravíssimas. Não posso cumprir as minhas obrigações, tenho de levar uma vida cheia de parcimónia, apesar de ter algumas centenas de contos em terras. Em contrapartida um comerciante, com um investimento de 50.000\$00, vive à larga do seu negócio, tem automóvel. Citava-me exemplos concretos. — Vendo produtos mais baratos do que me ficam a mim.

Vamos ao Concelho de Vila Verde. Como isto por aí está. Poucos são os lavradores que tocam a mão.

Falem os agiotas, os Bancos, a Caixa Agrícola. Só na Caixa Agrícola as dívidas são de onze mil contos; com os Bancos e particulares, a dívida dos lavradores deve ser superior a quarenta mil contos. Quer dizer: um conto por habitante.

Em cima disto, juros pesados; aumento de umas centenas de contos de contribuições com as novas matrizes; mau ano agrícola; impostos sucessórios; tribu- nais com suas goelas escancaradas para quem lá cai. E a corda atada ao pescoço, cujo nó continua a apertar-se. Ai do lavrador que não tenha meios para viver além das suas terras.

O nosso correspondente, senhor Dr. Bacelar, de Cervães, pede que sugiramos ao Governo uma forma de dilatar o pagamento das contribuições nestes maus anos agrícolas.

Isso, meu caro amigo, era na Idade Média, nos Tártaros, na grande China, em que, como narra Marco Polo, nos maus anos agrícolas, as contribuições eram perdoadas.

Agora, o fisco tem sempre bons anos, e para ele, cada vez melhores com novas matrizes.

Mas estará tudo irremediavelmente perdido? O Estado Novo não se preocupa com os problemas da Lavoura?

Não é verdade. Tem procurado com uma série de legislações e de organizações aliviar a estes males. Procura-se pelo próximo Congresso da Lavoura conhecer a verdadeira situação e os meios de remediar os males. É preciso estudá-los, sem paixão, e mostrar ao Governo o que se passa em realidade.

O Corporativismo e o Cooperativismo têm de dar uma solução aos problemas da lavoura.

É necessário conceder à lavoura um financiamento sólido, e em condições capazes de solucionar seus males.

Para isso, o Governo criou a Junta da Colonização Interna, com os seus financiamentos; as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo.

Mas apesar de tudo isto, vê-se que os lavradores têm os seus maiores débitos nas mãos particulares, a juros até dez por cento, e nos Bancos, em situação ruinosa de juros e de amortizações.

Porquê?  
Não queremos minizar a acção da Junta de Colonização Interna e a sua obra grandiosa pelo país.

Os seus empréstimos ao juro de dois por cento e a longo prazo de amortização são vantajosos.

Mas quantos dos milhares de necessitados de obras de fomento agrícola e de crédito o conseguem?

Evidentemente que, para as necessidades da lavoura, são uma gota num oceano. Conhecemos lavradores que esperam há anos por essa concessão. Teria o Estado de dar milhões de contos.

As Caixas de Crédito Agrícola têm sido uma grande atenuante para a ruína da lavoura. Bastará só dizer que, em Vila Verde, se os lavradores, em vez de pagarem os juros a quatro e meio por cento, o pagassem em hipotecas a oito por cento, seriam mais trezentos e cinquenta contos de juros anuais no empréstimo de onze mil contos que têm.

O Governo é quem tem dado, através da Caixa Geral de Depósitos esta facilidade à Lavoura. E ainda recentemente uma portaria esclarecia a isenção de selo nestes empréstimos, em benefício dos lavradores.

Mas, apesar disso, as maiores dívidas dos lavradores não são na Caixa, pela dificuldade de Registos na Conservatória e pelo alto custo que este fica.

Desde que existem as novas Matrizes, deveria dar-se ainda mais facilidades neste registo, tão necessário ao crédito.

Desde que ninguém pode vender sem ter a certidão da Matriz da Fazenda; deverá ser necessário para a hipoteca a mesma certidão, fazendo na Matriz uma simples anotação preferencial para o Crédito Agrícola. Seria assim muito fácil.

Sendo preciso salvar a lavoura, tudo se deve facilitar. Deveria emprestar-se assim dinheiro, facilmente, para pagamento de contribuições nos anos maus, para culturas, máquinas etc. Era tudo o crédito de feição a pequeno prazo; mesmo para financiamento dos géneros enquanto não encontrassem compradores a preço razoável.

Agora, para acudir ao caos financeiro dos lavradores, era preciso conceder-lhes um empréstimo a longo prazo, a juro económico, que resgatasse todos os empréstimos da lavoura.

A Caixa Agrícola não resolve a situação com os seus empréstimos, embora sejam muito benéficos. Onde vai buscar o lavrador um rendimento de quatro e meio por cento nas terras, e ainda dez por cento para amortização?

Anda de empréstimos em empréstimos?  
O Banco de Portugal presta a três por cento, mas em empréstimos limitados e a curto prazo.

A Caixa Geral paga o máximo de juros a dois por cento e depois chega a pagar uma ridícula.

Já lhe será compensador um empréstimo a três por cento a longo prazo, aí de vinte anos, para resgate de todos os empréstimos da lavoura. Porque estão os organismos de crédito cheios de lucros enquanto a lavoura asfixia?

Assim os lavradores respirarão fundo, e ver-se-ão livres da agiotagem e dos empréstimos, embora vantajosos da Caixa Agrícola, mas que se tornaram insuficientes para a sua situação precária. Esse empréstimo deveria ser feito pelas Caixas Agrícolas, para livrar os lavradores das mangas de alpacas.

Neste empréstimo deveria bastar, para o registo na Conservatória, um processo sumário de mera posse, sem custos ou com elas diminutas, sem advogados, nem procuradores, organizado nos Grémios da Lavoura ou na Caixa Agrícola e julgados no Tribunal, quando o prédio não estivesse registado em nome do pretendente ao crédito.

Oxalá que os organismos competentes façam chegar estas nossas sugestões às mãos dos nossos governantes, com os seus estudos, para resolver-se o problema máximo dos lavradores — o financiamento agrícola em forma eficiente.

É preciso andar depressa.

«...Acude e corre, pai, que se não corres, Pode ser que não aches quem socorres.»

Confio no próximo Congresso Nacional da Lavoura.

Vila Verde, 8 de Dezembro de 1960.

P.e Manuel Gonçalves Diogo

## O Cortejo de Oferendas

(Continuação da 1.ª pág.)

madeiras e géneros, passa de cento e cinquenta contos.

Portanto o rendimento total deste Cortejo de Oferendas deve orçar por trezentos e cinquenta contos.

Só em dinheiro o Pico dos Regalados contribuiu com 14.286\$00; a Vila de Prado com 24.083\$50; a Sede do Concelho — Vila Verde — com 35.000\$00.

O Pico dos Regalados apresentou um lindo grupo folclórico de crianças, artisticamente ensaiados pelo seu Reverendo Pároco.

Vila Verde também fez abrilhantar o Cortejo com o seu Grupo Folclórico.

Ambos os grupos dançaram e cantaram no salão nobre dos Paços do Concelho, diante do senhor Governador Civil e demais Autoridades Cívicas e Eclesiásticas.

Todas as freguesias traziam as suas tocatas. As freguesias que não puderam vir no dia, apresentaram-se briosamente em outros dias.

É evidente que o Cortejo para a construção do novo Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde não terminou.

É necessário que os vilaverdenses espalhados por todas as terras, que ganham o seu pão fora do Concelho não se esqueçam de enviar directamente os seus donativos à Santa Casa da Misericórdia ou por intermédio dos seus procuradores.

O Hospital deve custar quatro mil contos, tendo a Misericórdia de concorrer com cerca de mil contos.

Recebeu ainda a Misericórdia cento e cinquenta contos do legado do vilaverdense sr. Manuel da Silva Braga. Os senhores Pinheiros da Casa Vinha Nova prometeu o donativo de sessenta contos, o que com mais outras promessas, perfaz cerca de seiscentos contos para os mil de que a Misericórdia precisa, sem tocar nos seus fundos.

O senhor Bento Morais, de S. Pedro de Esqueiros, esteve na Secretaria da Santa Casa e disse que além de 4 carros de madeira no valor de 1.000\$00, de 3.400\$00 em dinheiro, 600\$00 em lenhas, e um cheque de seu filho de 200\$00, que ofereceu, toma o compromisso em nome da sua Casa de Mondim, com o seu irmão o senhor P.e Abel dos Santos Morais, e seus filhos, de arranjar para a construção do novo Hospital mais 50.000\$00

O senhor Jaime Oliveira Pinto, da Casa do Outeiro, Coucieiro, além de diversos carregados de boas madeiras e géneros, ofereceu 5.000\$00 em dinheiro.

Duas coisas faltam agora. Para elas este jornal elevará a sua voz como um clarim. Cumprimos o nosso dever, gritando bem alto, para que o povo do Concelho desse o grandioso espectáculo do Cortejo. Por isso contraímos uma grave obrigação para com esse mesmo povo: que seja cumprida a sua vontade — a construção do novo Hospital.

Falta que a Mesa da Misericórdia não se poupe a esforços, fazendo representações por escrito e verbais a quem de direito, cumprindo rapidamente todas as burocracias.

Segundo falta que o Governo da Nação cumpra a promessa de dar a participação no ano de 1961. A ver vamos.

## Homenagem de gratidão

No dia onze de Dezembro, na Igreja Paroquial de Vila Verde, foi celebrada uma Missa de homenagem, gratidão, e sufrágio pela alma do senhor Manuel da Silva Braga, natural de Azões que residia no Porto, grande benemérito de Vila Verde.

Assistiu o senhor Presidente da Câmara, vereadores; Mesa da Santa Casa, Con-

frarias de Vila Verde, pá- bres, crianças; os Bombeiros Voluntários; as representações com bandeiras do Vilaverdense Futebol Clube e do Grupo Folclórico.

A homília o Reverendo Pároco de Vila Verde falou do significado daquela homenagem; mostrou todas as grandes benemerências deste ilustre falecido vilaverdense pelo seu Concelho, ultimamente culminado com o legado de cento e cinquenta contos.

No fim foi oferecido um bode aos pobres para o Natal e uma refeição melhorada aos pobres da Sopa.

## Empresa Cerâmica da Minha, L.ª

S. GENS — CABANELAS

Uma das empresas mais categorizadas no fabrico

de tijolo em terras de Prado

O tijolo nesta empresa é fabricado com os mais

modernos processos e ao mais acessível preço

EMPRESA CERAMICA DO MINHO

PRADO

TELEFONE, 92145

BRAGA

## Câmara Municipal

(Continuação da 1.ª pág.)

ves, foi deliberado mandar construir e colocar seis bancos de pedra junto dos jardins à volta do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Sede do Concelho.

Em seguida, por proposta do senhor presidente, foi deliberado a Câmara associar-se à homenagem que vai ser prestada ao senhor presidente da Câmara de Braga, senhor António Maria Santos da Cunha, pelos serviços prestados durante 12 anos ao Concelho de Braga e a todo o Distrito.

Foram concedidas licenças para obras:

A Joaquim Cerqueira, de Quintão, 'Mós, para reconstrução de uma casa junto do caminho público; a Avelino Gonçalves, do Castelo, Cervães, para abertura de uma entrada carral; a Abílio Cunha, da Amarela, Goães, para construção de uma ramada; a Adriano da Cunha, de Bogalheiros, Parada de Gatim, para reconstrução de um muro; a José António da Cunha, da Bouça, Barbudo, para reconstrução de uma vedação.

Foi concedida assistência hospitalar:

A Teresa de Abreu, de Azões; a Angelina de Azevedo Rodrigues, de S. Miguel da Prado.

## AS MAIS SELECIONADAS ARVORES DE FRUTO

As melhores sementes de flores e de horta.

As mais lindas ROSAS premiadas em concursos internacionais.

Camélias, arbustos, arvores, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.

ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.ªs L.ª

Telefone 21957

Rua D. Manuel II, N.º 55

PORTO

Teleg. Roselandia — Porto

CATALOGOS GRATIS